

OS MUTILADOS DE SACAVEM



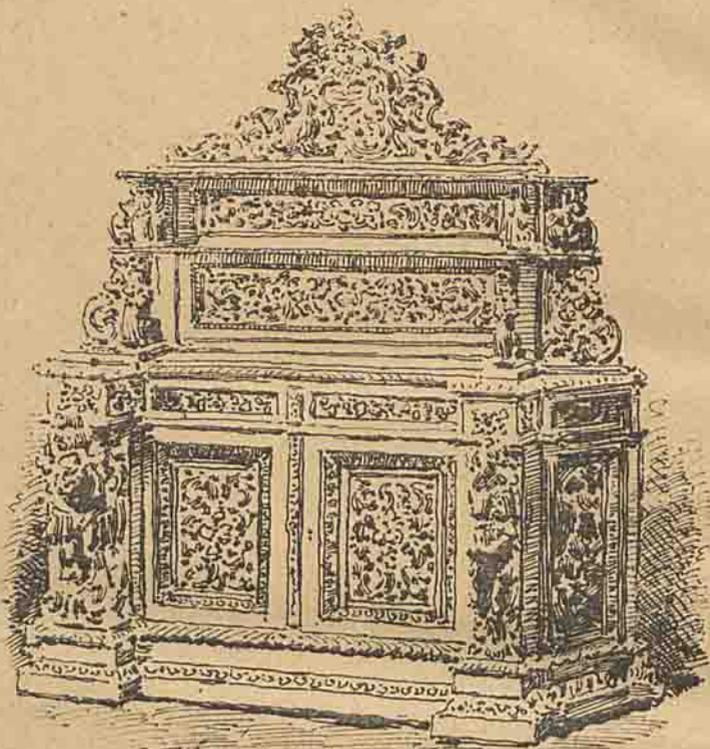
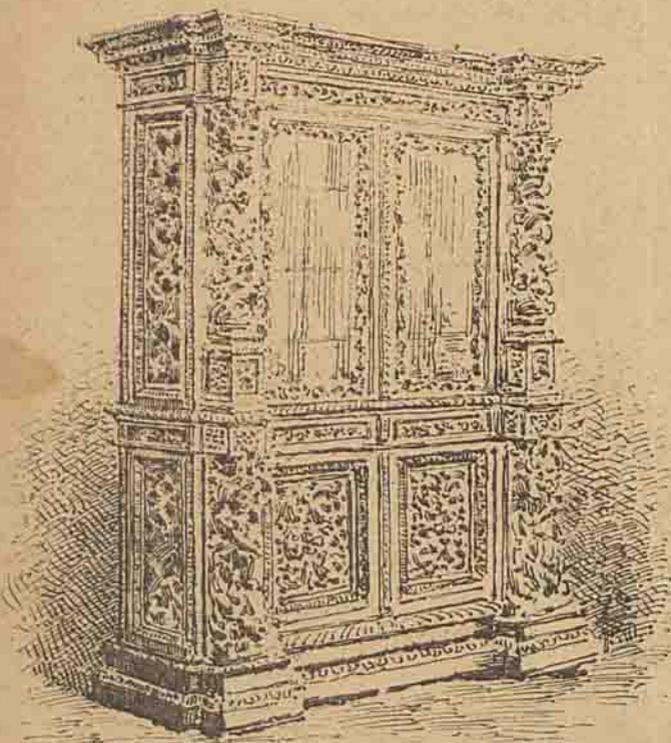
JOAQUIM JERONYMO
21 ANNOS

MANUEL DE JESUS
21 ANNOS

J. PINHEIRO

Se pode haver linitivo para tão pungente e tão perversa desventura, encontram-no decerto esses pobres rapazes—inutilizados para o trabalho no mais pujante vigor da mocidade—ao contemplarem com quanta dedicação e com quanto affecto os seus companheiros de labor se interessam e se esforçam por lhe mitigar a pavorosa desventura em que os lançou a mais cruel das fatalidades.

MARCENERIA PORTUGUEZA



E' infelizmente tão pouco vulgar encontrarmos por ahí quem se compra de animar e proteger as artes portuguezas que, os raros que assim praticam, são logo apontados a dedo, como uns verdadeiros benemeritos.

Assim, desculpe-nos Eduardo Coelho se o constrangemos—de envergonhada modestia—a avermelhar as suas bochechas redondinhas d'aquelle encarnado sadio que a doença ultimamente lhe debutára, mas que vemos agora, com prazer, ir retomando a côr dos tempos felizes.

Tenha paciência, mas não podemos dispensal-o...

São de Eduardo Coelho os dois magnificos moveis cujo desenho acima apresentamos.

Construidos nas officinas da rua Anchieta, pertencentes a Augusto José Barreira, um phanatico do bric-a-brac, um apostolo da arte e do bom gosto, aquelles dois moveis constituem — juntamente com uma primorosa mesa, cujo desenho não podemos dar por falta de espaço — a mobilia de casa de jantar adquirida por Eduardo Coelho.

Como o leitor pode apreciar, esses moveis rivalisam em bom gosto e perfeição artistica com tudo o que, de melhor n'este genero, se construe no estrangeiro, convindo advertir que o seu custo é ainda inferior.

Que Augusto Barreira não esmoreça na sua empreza benemerita e que Deus Nosso Senhor lhe dê em troca muitos Eduardos Coelhos, que saibam comprehendel-o, aprecial-o e protegel-o no seu heroico trabalho.

Amen.

CHRONICA

Já chegou e está mesmo de rachar pedras!

E então, hein? Que excellente reclame para «a verdadeira adega dos Frades» nos ia saindo o começo d'esta chronica!

«Já chegou e está mesmo de rachar pedras!»

Faltou só accrescentar: Alerta! amadores!

Pois fiquem sabendo que se não trata de abrir nenhum casco de Torres Novas; trata-se mas é de fechar portas e janellas, e calafetal-as cuidadosamente, com muito cuidado e bastante estopa.

Porque, quem chegou e está mesmo de rachar pedras, é o frio, como o leitor decerto já percebeu, ainda antes de começar a leitura da nossa chronica.

Não é «alerta amadores» é alerta cobertores!

Cobertores e mantas e *couvre-pièds*, e tudo que agasalhe, emfim, desde a ceroila de malha para o sexo bruto até á calça de flanela para o bello sexo.

A calça de flanela! Horror!...

O leitor conhece alguma coisa mais terrivelmente demolidora do mundo idealista de que essa tenebrosa bomba de dynamite chamada a calça de flanela?...

Nem os versos do Gomes Leal, quando lhe dá para a poesia satanica; nem a prosa dos articulistas de fundo, quando se atiram á descomponenda brava; nem as imprecações a meia voz do Moita e Vasconcellos, quando se inquisilla com o charivari parlamentar; nada, emfim, como antagonico do ideal, chega aos calcanhares d'umas calças de flanela!

O leitor que desenhe na larga tela da sua imaginação romantica o typo de mulher mais em harmonia com as suas aspirações de poeta: loira ou castanha, pallida ou corada, magra ou rechunchuda. A seu

gosto, em summa, e como se fôra feita de encomenda e por medida para seu uso particular.

Já desenhou?

Ora muito bem. Imagine agora uma serie enorme de acontecimentos desastrosos, tendentes a apagar-lhe do espirito essa imagem idolatrada que constitue todo o seu ideal, todo o seu pensamento, toda a sua aspiração...

Supponha que ella cahiu pela escada abaixo e quebrou uma perna pelo femur...

Deixará de a amar por isso? Não decerto.

O mais que lhe pode acontecer é ficar de perna torta, mas a La Vallieze tambem cocheava, o que não impediu que o rei Luiz a adorasse como um perdido.

Imagine que ella não cahiu pela escada, mas que cahiu — muito peor de que isso — na mais profunda das miserias.

O padeiro já não lhe fia nem dez réis, o tendeiro não lhe larga a porta, com contas atrazadas e descompostas em dia, o senhorio acaba de lhe levar as janellas e de lhe destelhar a mansarda, afim de a obrigar a pôr-se com os quartos no meio da rua.

E, então, que tem? O leitor hade amal-a na miseria como lhe queria na opulencia.

— Milionaria ou indigente
Que tem lá isso, afinal?
Este affecto é tão ardente,
Que heide amar-te eternamente,
O' meu formoso ideal!...

E' isto mesmo que o leitor está pensando em verso, pois não é?...

Ora então, faça favor agora de se aproximar do seu formoso ideal e — em pensamento, está bem visto — e queira ter a bondade de lhe levantar a fimbria do vestido... Mais... um bocadinho mais... não tenha acanhamento...

Então que é isso?! Foge espavorido, horrorizado, sem se atrever a olhar para traz e cuspiendo de enjôo como um *bébé* que acabassem de desmamar?!...

E tem razão, tem, o desilludido leitor... porque não ha ideal que resista a uma calça de flanella...

Mas onde iamos nós, antes da calça de flanella se vir metter pelo assumpto dentro?

Ah! sim! lamos no frio, que já chegou e está mesmo de rachar pedras...

Ora, com um frio assim, o que devia ser mais agradável, segundo todas as apparencias, era andar, andar muito, a pé, por essas ruas fóra e por essas praças dentro, andar continuamente, para pôr o sangue em ebulição e resistir assim mais facilmente as navalhadas do nordeste.

Pois o indigena não é d'essa opinião.

Gosta de andar, sim, de andar muito, mas não á custa das suas pernas nem das meias solas dos seus sapatos.

Andar, mas só de americano.

Mas o americano custa caro; ou tem de se pagar a carreira a bocca do cofre e, n'este caso, bem podem chover mais tostões de dia e tres vintens de noite, ou

tem de se fazer a assignatura annual por trinta mil réis, o que é uma sangria muito violenta para bolsos atacados, na sua maior parte, de adiantada chlorose...

N'estes termos, de que havia o indigena de lembrar-se?

D'uma coisa muito simples: andar de americano, mas sem pagar vintem.

Praticamente, esta ideia offerecia uma tal ou qual difficuldade, visto que os conductores dos carros exigem sempre que se lhes dê o meio tostão ou que se lhes mostre o bilhete da assignatura.

N'isto, o caso dos *titulos falsos* foi como que um raio de intrujice que veio fazer luz nas trevas ignorantemente honestas do indigena!

Quem acompanha com um coxo ao fim do anno coxêa, e o indigena nem quiz esperar o decorrimto d'aquelle praso para ratificar o fundamento do proloquio.

Um alto personagem falsificára titulos do thesoiro, não era muito que elle indigena falsificasse bilhetes do americano.

E d'ahi, falsificou!

Mas a companhia dos americanos é que não esteve para se limitar, como o sr. Fontes, a botar carta pela imprensa e a esperar pela solução da Procuradoria geral da corôa, a qual Procuradoria parece que anda á procura do chicote queimado sem nunca lhe dar com o paradeiro...

A companhia dos americanos resolveu evitar a falcatrua estabelecendo de futuro que os srs. assignantes tragam o retrato em photographia estampado no respectivo cartão.

A ideia é verdadeiramente sublime, e passa a ser uma coisa divertidissima viajar nos americanos, a disfructar as scenas a que o expediente do retrato hade forçosamente dar lugar.

Por exemplo:

O Pequito entra no carro; vem o conductor e pergunta:

— Tem bilhete?

— Tenho, sim senhor; quer que lh'o mostre?

— Se faz favor...

O Pequito desabotoa-se pachorrentamente e tira o bilhete do bolso interior da sobrecasaca.

— Prompto!

(Está claro que o retrato do Pequito não pode ter o nariz por inteiro, a menos que o bilhete não fosse maior de que a tela do Mississipi na *Cora ou a Escravidão*...)

O conductor repara e reponta.

— Hade perdoar mas para cá não pega... O nariz do retrato não se parece com o da sua pessoa...

— Mas asseguro-lhe que é meu este bilhete...

— Pois se é seu o bilhete, então não é seu o nariz... Portanto, de duas uma: ou paga a passagem, ou corta meio metro da *batata* para ficar parecido com o retrato...

SALVÉ, FUSCHINI!



A Esculptura, agradecida, grava no marmô dos seculos o teu appellido tão arrevezado quanto benemerito!

A Pintura, grata, lança em tua honra girandolas de palhetas, brochas e pinceis, que vão estrondear em fogos das mais vivas cores por esse horisonte de prosperidade que tu lhe abriste no futuro!

A Musica, reconhecida, sauda-te e acclama-te com hymnos triumphaes e eloquentes sol-e-dós, vendo finalmente no porvir algumas notas de banco a animar em tantas notas de trombone!

Só a poesia te faz uma figa torta porque não te lembreste d'ella nem com uma simples medalha de papelão...

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

THEATROS

D. Maria está dando a *Eva* de Lino da Assumpção.

Ainda não vimos a peça e não tencionamos vel-a sem primeiro havermos tomado as nossas informações.

Porque, no fim de contas, não sabemos se a *Eva* é uma peça vestida á época de hoje se á época do tempo da protagonista.

N'esta ultima hypothese e passando-se a acção antes do chocolate do fructo prohibido, está claro que a *Eva* hade ser uma peça o mais fresca que se pode ser — não só em peça como mesmo a retalho — e, como tal, não podemos ir vel-a sem tomarmos as nossas precauções... e algum calmante.

Que a peça mette muitas pessoas já nós sabemos pela leitura dos cartazes.

Mette o conselheiro Pessoa, a cara metade Pessoa, o rapaz e a menina Pessoa, os criados dos Pessoas... um pessoal, emfim, que nem o *Miguel Strogoff* lhe leva a palma.

Tambem, era justo. Depois do *Principe Zilah*, em que tinham parte tão importante os dois cães do Jardim Zoologico, era justo apresentar-se uma peça que mettesse uma batelada de pessoas.

No *Colizeu dos Recreios*, homens e brutos, em concorrência uns com os outros, continuam a fazer as delicias do publico todas as noites.

Anna Fillis, a troupe arabe e o coronel Broone com os seus leões são os tres melhores numeros do programma.

Anna Fillis é uma amasona distinctissima que conseguiu fazer dos seus cavallos o que a politica tem feito do progresso em Portugal: obrigar-os a recuar a galope.

A troupe arabe tornou-se sobretudo muito notavel no final dos seus trabalhos, quando executa um passo chamado *o vento do deserto*.

É enorme, forçosamente, o esforço empregado por aquelles artistas durante o charivari de saltos mortaes e a illusão torna-se tão completa que alguns espectadores chegam a afirmar haverem sentido um vento forte...

Nós tambem já sentimos uma vez, mas quiz-nos parecer que o vento em questão não era propriamente do deserto...

No theatro do Principe Real continua a representar-se *A Taverna*, com grandes applausos e ainda maiores enchentes.

Segundo se refere por ahí nas altas camadas do *high-life*, aquelle drama vae ser causa do desquite judicial promovido por um nobre fidalgo contra a sua cara metade.

Ao que parece, a esposa incriminada não faltava nem uma noite ás recitas do *Principe Real*, e o esposo auctor do processo facilmente conseguiu illudir a boa fé do juiz provando-lhe com o testemunho de pessoas insuspeitas que ella passava todas as noites na *Taverna*!

Façam ideia do escandalo!

Mas por ora não deem com a lingua nos dentes porque ainda é segredo de justiça...

CASOS, TYPOS E COSTUMES

O CHAPEU

A mulher de Arnaldo Osorio,
D. Efigenia da Cruz,
Uza na tola o zimbório
Do Coração de Jesus.

S. Pedro, ás vezes, cansado
Da faina á porta do ceu,
Dorme o seu somno, assentado
Na copa d'esse chapéu!



Ha dias, D. Efigenia,
Raivosa o marido exprobra,
Em ancias—como uma tenia
Que tem pevide de abob'ra!

— Pa... ti... fe... diz, ás lufadas
Que a raiva interna lhe assopra,
Como-te a penca ás dentadas,
Se me não levas á op'ra!



— Mas como quer's, se te digo,
(Volve-lhe o triste em tom fraco)
Que eu tenho apenas commigo
Onze tostões e um pataco?!



— O Valdez nunca vendeu
Dois logar's p'lo que eu possu'...
... Se tu vaes, não posso ir eu...
... Se eu vou, não podes ir tu...

— Achei! (diz ella ao marido)
Compra-se um logar—o meu
E vaes tambem... escondido
No int'rior do meu chapéu!

— No teu chapéu irei, pois,
Que n'elle á larga me acito...
E assim veremos os dois
O Mefistof'les do Boito!



Em S. Carlos cil-a emfim,
N'uma geral mesmo ao centro,
Co'o seu casquete sem fim,
Tendo o marido lá dentro...

(Conclue no proximo numero.)

PAN-TARANTULA.



Mustavo Bordallo Pinb.

THEATRO DE S. CARLOS

A CARMEN



SALEIRO MAGNIFICO
NO D. JOSÉ

STHAL - UMA CARMEN DELICIOSA POR TODOS OS LADOS
POR ONDE SE ENCARRE



RITTI E FUMIGAL



A cantora Sthal faz-nos estalar de entusiasmo! Que frescura de voz e que primor de afinação
O baritone Fumigal é verdadeiramente extraordinario—no palminho da cara....
Este Fumigal, não sabemos se por causa do nome se por outra coisa, quando entra em scena, exala um cheiro que não se sabe bem se é de assorda d'alho se de morrão de azeite, que parece estar uma pessoa a ouvil-o com uma candiea de cosinha pendurada no nariz.
Aquillo não é cantor é uma torcida.
A cantora Ritti é protegida de Antonio Duarte e isso basta para ser a creatura mais infeliz d'este mundo porque o Antonio Duarte é um *jetatore* de primeira ordem.
E' uma Ritti que em nos querendo fazer chorar a gente risse...